

Os desafios da guerra urbana: um estudo de caso da Batalha de Vukovar

Tales Wallauer de Leão¹

Érico Esteves Duarte²

Resumo: Cidades sempre foram espaços relevantes para guerras e, com a constante urbanização, sua centralidade fica mais evidente. Isso suscita o esforço acadêmico e militar de entender as peculiaridades da guerra urbana. Nesse sentido, este artigo busca traçar padrões e implicações do conflito urbano, a partir de um estudo de caso, empregando elementos da Teoria da Guerra de Carl von Clausewitz. Ao analisar a Batalha de Vukovar (1991) – na Guerra de Independência da Croácia – da qual as forças servo-iugoslavas, mesmo tendo derrotado as croatas, saíram estrategicamente enfraquecidas, o estudo ressaltou como o ambiente urbano implica maiores dificuldades táticas para os atacantes e precipita impasses estratégicos. Conclui-se pela necessidade da produção de conhecimento e expertise para defesa de cidades, devido às especificidades desse ambiente.

Palavras-chave: Batalha de Vukovar; Guerra urbana; Teoria da Guerra de Clausewitz.

The challenges of urban warfare: a case study of the Battle of Vukovar

Abstract: City landscapes have always been central for wars, and with constant urbanization, their centrality becomes even more evident. This raises the academic and military effort to understand the peculiarities of urban warfare. In this sense, this article seeks to outline patterns and implications of urban conflict based on a case study, employing elements of the theory of war of Carl von Clausewitz. By analyzing the Battle of Vukovar (1991) – in the Croatian War of Independence – by which the Serbo-Yugoslav forces, despite defeating the Croats, were strategically weakened, this study highlighted how the urban environment implies greater tactical difficulties for attackers, as well as precipitating strategic impasses. In conclusion, it is proposed that there is a need to produce knowledge and expertise for the defense of cities due to the specificities of the environment.

Keywords: Battle of Vukovar; Urbane warfare; Clausewitz's Theory of War.

Los desafíos de la guerra urbana: un estudio de caso de la Batalla de Vukovar

Resumen: Las ciudades siempre han sido espacios relevantes para las guerras y con la constante urbanización su centralidad se hace más evidente. Esto plantea el esfuerzo académico y militar por comprender las peculiaridades de la guerra urbana. En este sentido, este artículo busca esbozar patrones e implicaciones del conflicto urbano, a partir de un estudio de caso, empleando elementos de la teoría de la guerra de Carl von Clausewitz. Al analizar la Batalla de Vukovar (1991) – en la Guerra de Independencia de Croacia –, de la que las fuerzas serboyugoslavas, a pesar de haber derrotado a los croatas, quedaron estratégicamente debilitadas, el estudio destacó cómo el entorno urbano implica mayores dificultades tácticas para los atacantes, pero también precipita impases estratégicos. Se concluye que es necesario producir conocimiento y experiencia para defender las ciudades, debido a las especificidades de este entorno.

Palabras clave: Batalla de Vukovar; Guerra urbana; La teoría de la guerra de Clausewitz.

¹Bacharel em Relações Internacionais pela UFRGS.

²Professor de Relações Internacionais e Estudos Estratégicos da UFRGS, Doutor em Engenharia de Produção pela COPPE/UFRJ.

Introdução

Ao longo da história, os centros urbanos figuraram como pontos centrais de guerras, como foi a tomada de Nínive na queda do Império Assírio, o cerco de Viena na resistência europeia contra o avanço otomano, as batalhas de Stalingrado e Aachen na Segunda Guerra Mundial e as batalhas de Grozny na Guerra da Chechênia (DIMARCO, 2012; DUARTE, 2022). Com mais da metade da população mundial residindo em áreas urbanas a partir de 2007, e projeções indicando que até 2050, cerca de sete em cada dez habitantes do planeta estarão em centros urbanos, a centralidade das cidades na guerra faz-se ainda mais evidente (SULLIVAN; ELKUS, 2011).

Há, porém, uma relevante distinção nas guerras que têm sido travadas desde o fim da Guerra Fria: a inversão na correlação entre os tamanhos das cidades e dos exércitos. Se nas Grandes Guerras Europeias do século XX até a Guerra da Coreia, os contingentes ocupavam regiões inteiras transpassando áreas urbanas e rurais, o avanço tecnológico torna os exércitos mais caros e, logo, menores. Isto tem resultado na impossibilidade da conquista das metrópoles mundiais pelas forças invasoras, com as guerras se desdobrando em micro sítios simultâneos (KING, 2021).

Esses impactos da geografia urbana na guerra não passaram despercebidos pelas forças armadas brasileiras que vêm ajustando suas doutrinas e procedimentos de treinamento. Desde 2008, o Corpo de Fuzileiros Navais possui um manual de operações urbanas, derivado da versão estadunidense desenvolvida pelo *US Army* e *US Marine Corps* em resposta à insurgência urbana no Iraque a partir de 2004 (MARINHA DO BRASIL, 2008; US ARMY, 2006; USMC, 2006), e o Exército Brasileiro publicou em 2023 a Nota Doutrinária nº 2 que revoga o manual EB70-MC-10.303 de Operações em Áreas Edificadas para um novo Manual de Campanha em Operações Urbanas, ainda em desenvolvimento. Os dois pontos fulcrais desta revisão doutrinária são a importância da geografia humana e as infraestruturas críticas para a guerra urbana contemporânea (ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, 2023).

Entretanto, aponta-se como um erro a adoção pelas forças armadas brasileiras de doutrinas dos Estados Unidos – como recorrentemente ocorre – sem uma profunda reflexão crítica. Pois, nossas perspectivas estratégicas são completamente distintas, notadamente a defesa de áreas urbanas em regiões costeiras e fronteiriças. Ao contrário, os manuais e conceitos operacionais estadunidenses são essencialmente ofensivos.

Portanto, o presente artigo se justifica pelo contexto de revisão das posturas e doutrinas militares no mundo e no Brasil para guerras interestatais tendo as cidades como campos de batalha.³ Entre os vários aspectos que merecem reflexão e estudo, o presente artigo avança o argumento que um impacto da urbanização da guerra é a tendência de reforço de forças militares em posições de defesa, pois o terreno urbano impõe desvantagens táticas ainda maiores a operações militares ofensivas, podendo implicar em retrocessos estratégicos que inviabilizam os objetivos políticos de uma guerra.

Para tanto, utiliza-se da Teoria da Guerra de Carl von Clausewitz para inspecionarmos uma das primeiras guerras do pós-Guerra Fria em que tal fenômeno se demonstrou de forma bastante evidente. No contexto político da dissolução da Iugoslávia, na Guerra de Independência da Croácia, uma cidade croata fronteira de médio porte defendida por uma pequena força, mostrou-se como um impedimento nos objetivos iugoslavos e sérvios. A Batalha de Vukovar finalizou-se com a vitória servo-iugoslava, mas o desgaste causado sobre as forças ofensivas dotou-a de caráter pírrico, tendo sido um ponto essencial para a reversão estratégica da libertação nacional croata.

Advogava-se que o caso da Guerra da Croácia e a centralidade da Batalha de Vukovar para o desfecho de sua primeira fase configura-se como a vanguarda de um padrão fenomenológico da guerra do século XXI. Suas dimensões relativamente reduzidas em termos temporais e espaciais suscitam o estudo de caso para identificação e análise das condições ainda mais desvantajosas de forças invasoras ou expedicionárias que ajudam a explicar a série de insucessos, por exemplo, das forças estadunidenses e aliadas no Iraque e russas na Ucrânia. Ademais, esse é um estudo de caso que permite um acesso mais equilibrado a fontes de ambos os lados, reduzindo assim os vieses da literatura produzida pelo então denominado Ocidente.

Geopolítica urbana e as desvantagens da campanha ofensiva na guerra contemporânea

A relevância das cidades na guerra é multifacetada, com razões que vão desde as perspectivas políticas até motivações estratégicas. Atacar uma cidade, muitas vezes, se justifica pela intenção de capturar o centro político, econômico ou administrativo do inimigo, visando minar sua moral, sua capacidade de sustentar a guerra e sua habilidade de

³ Para outros casos de atualização, ver FREMONT-BARNES, 2019; MINISTÈRE DE LA DÉFENSE, 2005; UK ARMY, 2017.

governar (DIMARCO, 2012, p. 16). Além disso, a necessidade estratégica militar também motiva o ataque a áreas urbanas, seja para destruir forças inimigas lá estacionadas ou devido à sua localização que figura como nodo dos sistemas de transporte (DIMARCO, 2012, p. 17).

Nesse sentido, é interessante buscar padrões de reconhecimento sobre os combates travados em ambientes urbanizados e considerá-los dentro de uma perspectiva teórica já estruturada, como é o caso da Teoria da Guerra de Clausewitz – a qual levanta a geografia, as forças combatentes imóveis como fortificações e o emprego da população armada como elementos que explicam as vantagens da defesa sobre o ataque enquanto forma de emprego das forças combatentes no teatro de operações (CLAUSEWITZ, 1976, p. 383-366). Esses três elementos tendem a ser abundantes no meio urbano, de sorte que um beligerante em posição defensiva pode se beneficiar de seus efeitos multiplicadores de força, compensar desvantagens numéricas e neutralizar outras vantagens do inimigo (DIMARCO, 2012, p. 18).

Entre eles, é importante destacar como a geografia de centros urbanos altamente edificadas tornam cada quarteirão potencialmente um bastião e cada centro habitacional e, principalmente, industrial uma fortaleza. Esse aspecto tem duas repercussões também propostas por Clausewitz e que merecem destaque. Por um lado, as vantagens oferecidas ao defensor urbano são mais do que os obstáculos físicos, mas ainda os ganhos de camuflagem e melhores rotas de fuga e de ultrapassagem de posições inimigas. Para além do ganho tático imediato em razão de retirar do atacante a vantagem da iniciativa, isso tem um efeito mais duradouro de ganho de força moral. Pois o ambiente de incerteza e desgaste do agressor é acumulativo e perceptível pelas forças regulares e populares do defensor urbano, que se tornam mais motivados em seguir lutando (GAT, 1988, p. 23), o que se soma à maior incorrência em custos morais para o lado atacante devido à complexidade humana (étnica e cultural) que uma cidade suscita (FERREIRA, 2012, p. 74). Por outro lado, o terreno de combate urbano impõe que o lado ofensor disperse seus meios, seja para conter a mobilidade e realocação de tropas inimigas na neutralização de um setor, seja na progressão sobre a cidade ao passo que controla mais setores. Isso tende a neutralizar, como previsto pela Teoria de Clausewitz, a vantagem de emprego concêntrico de forças, ou seja, maior vantagem em concentrar seu contingente quando mais oportuno (CLAUSEWITZ, 1976, p. 360).

Esse último fator tem um outro lado que é ressaltado como fator de desvantagem do lado ofensor que o levam ao ponto culminante e que são evidentes nas guerras contemporâneas. O terreno urbano impõe ao agressor a dispersão, fragmentação de comando e controle e fratricídios entre suas unidades. Por isso, a importância acentuada de táticas de pequenas unidades e o uso não convencional de armas e poder aéreo são cruciais para a compensação das desvantagens do lado atacante nesse ambiente (SULLIVAN; ELKUS, 2011, p. 5-6). De qualquer maneira, os efeitos consolidados das vantagens da defesa e desvantagens do ataque na guerra urbana suscitam que a janela de oportunidade para sucesso do lado invasor é ainda mais estreita e, mesmo quando auferido, é possível que seus custos no equilíbrio de forças totais no teatro de operações ainda tornem empreitadas futuras proibitivas.

A Batalha de Vukovar trouxe à tona esses padrões táticos e estratégicos, na medida em que as forças croatas conseguiram tirar vantagem do terreno para conter o avanço servo-iugoslavo. Principalmente, a interveniência do terreno ressaltou as limitações operativas do Exército Popular da Iugoslávia (JNA), de maneira que a postergação na conquista dessa cidade por três meses levou a reversão do tabuleiro estratégico e forçou a liderança iugoslava a renunciar a seus objetivos políticos iniciais e a conceder um acordo de paz.

Contexto histórico da Guerra da Croácia

A Guerra de Independência da Croácia se deu no contexto do aumento das instabilidades internas e externas que levaram à dissolução da República Popular Federal da Iugoslávia após a Guerra Fria (WOODWARD, 1995). Na República Federal Socialista da Croácia, no ano de 1990, Franjo Tudjman, do partido União Democrática Croata (HDZ), foi eleito para a presidência e colocou em prática uma política nacionalista, que fez a população sérvia sentir-se ameaçada dentro da Croácia (SEVERO, 2011, p. 119-120), enquanto no âmbito federal, ele advogou por maior autonomia para as repúblicas (GRAAFF, 2005, p. 163). As tensões criadas por essas agendas políticas produziram conflitos ainda em 1990, quando a população servo-croata, organizada a partir do Partido Democrático Sérvio, buscou – apoiada pela Iugoslávia – controlar territórios dentro da Croácia, criando ainda em dezembro a República da Krajina Sérvia (BAKER, 2015, p. 49; FERREIRA, 2012, p. 44).

No contexto belicoso que se seguia, a Croácia tinha como objetivos políticos sua independência e sua integridade territorial (HORNCastle, 2015, p. 748). Para isso, ela enfrentava três oponentes com objetivos particulares: os servo-croatas, que ameaçados pelas políticas de Tudjman, buscavam destacar-se de uma Croácia independente (HORNCastle, 2015, p. 746; FERREIRA, 2012, p. 40); a Iugoslávia, que buscava estancar sua dissolução (HOFFMANN, 1999, p. 7); e o governo sérvio, na figura de Milosevic, que flutuava entre os objetivos anteriores, adicionando-se a expansão territorial como garantia da maioria sérvia na Iugoslávia e da minoria sérvia na Croácia (BAKER, 2015, p. 48; BIEBER, 2007, p. 324–325).

Quanto às forças envolvidas na guerra, o JNA contava com 70.000 soldados bem equipados em território croata (TATALOVIĆ, 1996, p. 174). A Croácia, por sua vez, iniciou o conflito sem força regular e apenas com a Guarda Nacional Croata, que contava no final de junho com cerca de 10.000 efetivos, chegando a 200.000 ao final de 1991 quando já havia sido expandida em Exército Croata.

A guerra iniciou-se em meados de 1991 com o avanço de forças independentistas servo-croatas com apoio de artilharia e veículos blindados da JNA, contra os quais a Croácia recém independente não tinha meios para reação. Assim, em outubro, a JNA chegou a apenas 20 km de Zagreb (BAKER, 2015, p. 52). Após a queda de Vukovar em 18 de novembro de 1991, onde a defesa croata infligiu importantes perdas físicas e morais ao JNA, seus avanços foram contidos enquanto a Croácia alcançava as suas primeiras vitórias (BJELAJAC; ŽUNEC, 2009, p. 254-256; TATALOVIĆ, 1996, p. 18).

Em síntese, a primeira fase da Guerra da Croácia, apesar de não garantir a integridade territorial croata (considerando a administração sérvia controlada pela ONU em territórios da República da Krajina Sérvia), degradou a invasão iugoslava, produziu o reconhecimento internacional de sua independência e afiançou transferência militar estrangeira que foi fundamental para sua recuperação territorial (COGGINS, 2014, p. 135). Notadamente, a reversão estratégica da Guerra de Independência da Croácia foi produzida pela Batalha de Vukovar. Pois, apesar de ter sido uma vitória do JNA, seus custos inviabilizaram a ocupação e pacificação da Croácia.

A Batalha de Vukovar

Vukovar é uma cidade fronteiriça, separada pelo rio Danúbio das terras sérvias a leste. Em 1991, ela era composta majoritariamente por população etnicamente croata, e

cercada por vilarejos com preponderância sérvia (BJELAJAC; ŽUNEC, 2009, p. 249; SEBETOVSKY, 2002, p. 17). Apesar das tensões crescentes, as forças croatas não tinham grande presença na cidade. Em agosto de 1991, quando as forças do ZNG na cidade foram reestruturadas pelo tenente-coronel Mile Dedaković, elas contavam com 1.500-1.800 soldados, as forças da polícia especial com 500-550 homens, somando um total máximo de 2.000-2.350 defensores (CIA, 2004, p. 192-193). As forças croatas contavam com armamento de infantaria e algumas poucas peças de artilharia, sendo os mais relevantes os lançadores de foguetes antitanque M80 de 64 mm e M79 de 90mm. Já as forças servo-iugoslavas eram mais numerosas e bem equipadas: de 30.000 a 44.000 soldados e 1.600 veículos blindados de combate, e em torno de 1.300 peças de artilharia (MARIJAN, 2002, p. 401; SEBETOVSKY, 2002, p. 18-20).

Mapa político da Croácia em 1991⁴



Fonte: os autores.

Considerando que em Vukovar se deu o “primeiro momento em que o JNA se manifestou abertamente a favor dos sérvios” (SEVERO, 2011, p. 125), pode-se entender que a cidade tinha relevância para o JNA, que seria um dos pontos iniciais para avançar

⁴ O mapa destaca as fronteiras entre as ex-Repúblicas Federativas Socialistas (RFS) da Croácia, Sérvia e Bósnia-Herzegovina e, ainda, a Eslavônia Oriental, onde foram travadas as principais batalhas da Guerra de Independência da Croácia. Por fim, ele destaca os principais centros urbanos da região.

pela Eslavônia Oriental e chegar até Zagreb (CIA, 2003, p. 207; SEBETOVSKY, 2002, p. 16). Já do lado croata, a defesa de Vukovar compreendia seus objetivos de integridade territorial, na medida em que perder Vukovar poderia representar perder parte da Eslavônia Oriental, e de garantia, a independência, na medida em que o avanço após Vukovar rumaria, segundo o plano inicial do JNA, até Zagreb na busca pela subjugação completa.

O JNA abriu seu ataque a Vukovar em 24 de agosto, com intensa barragem de artilharia e ataques aéreos, seguidos pelo avanço da infantaria (SILBER; LITTLE, 1997, p. 18). Havendo sido planejada para durar apenas um dia, como afirma Ferreira (2012, p. 69), a primeira tentativa de tomada da cidade falhou, com a defesa croata tendo abatido duas aeronaves e destruindo dez blindados iugoslavos nos primeiros dias. O segundo ataque iniciado quatro dias depois também foi derrotado, configurando assim um fiasco para as forças que atacavam uma cidade pouco defendida (SEBETOVSKY, 2002, p. 24-25).

As forças terrestres servo-iugoslavas eram pouco proficientes na progressão combinada de blindados e infantaria, e estes últimos, em particular, não tinham procedimentos bem treinados para lidar com armadilhas e defesa elástica. Já as forças croatas souberam compensar seus limitados números e composição com o uso do ambiente urbano. De maneira que, após um mês de investidas fracassadas, o JNA se viu forçado a substituir seu comandante de campo pelo general Života Panić, que buscou melhorar a estrutura das forças. As mudanças surtiram efeito a resultaram em sucesso limitado, mas ainda com perdas significativas (CIA, 2003, p. 196; SILBER; LITTLE, 1997, p. 177).

Portanto, ajustes táticos e de planejamento adicionais foram necessários para que, em 30 de outubro, o JNA lançasse um ataque fulminante. Houve detalhe no direcionamento das colunas de ataque, revisão do treinamento da infantaria e uso dos blindados e concentração material, acrescido ao fato de que a essa altura, o JNA contava com tropas mais experientes, tendo aprendido com seus erros passados (CIA, 2003, p. 202; SEBETOVSKY 2002, p. 36). Ainda assim, esse último ataque durou duas semanas e, no dia 16 de novembro, Vukovar foi completamente tomada (CIA, 2003, p. 203-204; SILBER; LITTLE, 1997, p. 178-179). As forças croatas renderam-se dois dias depois, finalizando assim a Batalha de Vukovar (ŽIVIĆ; DEGMEČIĆ, 2016, p. 185).

O saldo da batalha, porém, não foi positivo para as forças vitoriosas: entre 5.000 e 14.500 homens das forças do JNA e dos paramilitares sérvios foram mortos, com mais de uma centena de baixas de oficiais. O saldo material foi de aproximadamente 300 blindados destruídos e 29 aeronaves abatidas (SEBETOVSKY, 2002, p. 39). Do lado croata,

contando as forças do ZNG e da polícia especial, dos 2.000-2.350 que defendiam a cidade cerca de 1.500 morreram, além de 1.131 civis e outros 2.500 que foram declarados desaparecidos (CIA, 2003, p. 204-205). Além disso, a conquista de Vukovar – antecipada para ocorrer em um único dia – consumiu três meses, com ganhos simbólicos expressivos para a independência croata.

Os dilemas da conquista, o papel estratégico e a relevância política de Vukovar

No nível tático, as forças atacantes tiveram três deficiências ressaltadas pelo terreno urbano. Primeiro, as operações do ataque eram mal elaboradas e não havia coordenação de armas combinadas. Por exemplo, as barragens de artilharia ocorriam a esmo e causavam danos que bloqueavam o curso de avanço dos blindados, os quais geralmente seguiam sem acompanhamento de infantaria suficiente e, assim, indefesos a ação croata por meio de armadilhas e tuneis subterrâneos (CIA, 2003, p. 193-194; HORNCastle, 2015, p. 757-758). Segundo, a infantaria do JNA tinha limitada capacidade de reação e iniciativa, e de modo recorrente entraram em pânico. Isso denota baixa qualidade de treinamento e instrução, em particular para atuar em ambiente urbano (CIGAR, 1993, p. 321-322; SILBER; LITTLE, 1997, p. 177). Terceiro, as linhas de comunicações servo-iugoslavas para as operações em Vukovar eram precárias e mal guarnecidas, portanto, sucessivamente rompidas pelos croatas (SEBETOVSky, 2002, p. 49).

Mais importante, essas várias deficiências somadas as perdas e demora na conquista de Vukovar logo no início na abertura da campanha de “reconquista” da Croácia tiveram impacto estratégico substantivo. Pois, elas permitiam que as forças croatas reorganizassem a defesa do restante do seu território. Por conseguinte, o resultado dessa batalha e das seguintes não quebraram à vontade croata pela independência. Pelo contrário, a Batalha de Vukovar levou a uma antecipada revisão das expectativas servo-iugoslavas, a partir de quando a JNA não tinha mais superioridade suficiente para sua empreitada, condição essa conceituada na teoria de Clausewitz como culminante do ataque (ver também CIGAR, 1997, p. 36).

O papel estratégico de controlar Vukovar na perspectiva das forças atacantes seria estabelecer uma base de operações na fronteira com a Croácia que permitisse sustentar a conquista do restante do território. Porém, o cerco para o domínio total da cidade foi, por vezes, questionado como “desnecessário” (BJELAJAC; ŽUNEC, 2009, p. 256) ou como um erro dos atacantes, que poderiam ter contornado a cidade sem tomá-la (SEBETOVSky,

2002, p. 27). Mas é importante apontar que o emprego do cerco seria necessário para evitar um foco de resistência na retaguarda do avanço do JNA.

De qualquer forma, foi simultaneamente ao cerco de Vukovar que se deu a criação do Exército Croata, a partir da Guarda Nacional, servido do arsenal tomado dos quartéis iugoslavos (SILBER; LITTLE, 1997, p. 187-188). Em adição, ao passo que mais recursos e unidades eram drenados em Vukovar, o JNA teve que reduzir seus esforços e expectativas em relação às demais cidades croatas, diminuindo-as em razão que outras áreas urbanas, como Gospic, se tornassem em “uma segunda Vukovar” (CIGAR, 1997, p. 35). Assim sendo, a progressão da ofensiva servo-iugoslava não foi além da Eslovênia Ocidental, onde foi rechaçada por uma bem-sucedida contraofensiva croata (BJELAJAC; ŽUNEC, 2009, p. 259; CIA, 2002, p. 102 e 208).

A consequência política dessa reversão estratégica precoce foi que ela favoreceu o envolvimento de partes externas, notadamente dos Estados Unidos com o Plano Vance, das Nações Unidas e da Alemanha, que produziram a concessão servo-iugoslava a negociações (SILBER; LITTLE, 1997, p. 188). Durante esse período, houve o desdobramento de uma missão das Nações Unidas para monitoramento dos territórios croatas que possibilitou o reconhecimento tácito da independência croata e a preparação de suas forças para uma segunda fase da guerra. Ou seja, ainda que necessária para ambos os lados, a pausa dos combates naquele momento favoreceram mais os croatas (SEVERO, 2011, p. 131; TANNER, 2001, p. 279-280).

A decisão do lado atacante de entrar em negociações e aceitar as determinações do Plano Vance foi baseada em dois cálculos. O primeiro dizia respeito à situação estratégica na guerra. Como afirma Tanner (2001, p. 280), as forças sérvias tinham tomado tanto território quanto poderiam controlar, e chegava-se ao momento do ponto culminante do ataque contra a Croácia, tornando-se cada vez mais inalcançáveis os objetivos de manter a Iugoslávia unida (SILBER; LITTLE, 1997, p. 187), na medida em que o “JNA finalmente abria mão da Iugoslávia” (CIA, 2003, p. 208, tradução própria). O segundo cálculo era que a Guerra da Bósnia oferecia melhores prospectos, por isso o JNA julgou mais oportuno desengajar suas forças na Croácia (CIGAR, 1997, p.42-43; TANNER, 2001, p. 280).

Do lado croata, a decisão de suspender a guerra foi considerada prematura pelos comandantes militares e refletia alguma desconfiança desses pelo presidente Tudjman sob risco de perda de controle sobre o recém-criado Exército Croata (CIGAR, 1997, p. 45). Além disso, Tudjman também tinha em mente que a realocação do JNA para a Bósnia enfraqueceria a posição servo-iugoslava na Eslovênia Oriental. Por fim, a Croácia também

tinha interesse e recursos drenados na conquista de territórios da república vizinha (MARIJAN, 2001, p. 122; CIGAR, 1997, p. 45 e 53).

Considerações finais

A centralidade da geografia urbana e sua crescente importância em conflitos armados cobram seu estudo acadêmico. Este artigo valeu-se do arcabouço analítico de Carl von Clausewitz para refletir sobre padrões de regularidade desse fenômeno.

A Batalha de Vukovar – em razão de seu impacto na Guerra de Independência da Croácia e escopo delimitado – é um estudo de caso viável e representativo do pós-Guerra Fria. Essa batalha explicitou como o ambiente urbano traz desvantagens táticas desproporcionais entre forças atacantes (no caso, servo-iugoslavas) e defensoras (croatas) quanto à fisicalidade da geografia urbana e ao impacto moral sobre as operações militares.

Esse caso também permite considerar as reverberações políticas e estratégicas dos combates urbanos. Por um lado, sendo um ambiente no qual as forças de defesa contam com maior vantagem em relação às de ataque, as cidades aceleram o ponto culminante de uma campanha ofensiva. Por outro lado, a medida em que as forças atacantes se desgastam durante a progressão para tomar objetivos urbanos, elas são compelidas a rever seus objetivos políticos. Ademais, os danos colaterais dos combates em ambiente urbano geralmente os levam a ser reconhecidos internacionalmente.

Por fim, a Batalha de Vukovar destaca a necessidade de considerar como um conflito urbano pode delongar-se no tempo, cobrando custos muito altos, que podem mudar o equilíbrio de forças no teatro de operações de uma campanha ou até mesmo guerra. Nesse sentido, tendo em vista a realidade brasileira de cenários de emprego de suas forças armadas, é necessário a produção de conhecimento e expertise para defesa de cidades, havendo assim limitada utilidade como modelo ou referência as doutrinas militares do Exército dos Estados Unidos, essencialmente orientadas a operações ofensivas.

Referências

BAKER, C. **The Yugoslav Wars of the 1990s**. London: Macmillan Education UK, 2015.

BIEBER, F. The Role of the Yugoslav People's Army in the Dissolution of Yugoslavia: The Army without a State? Em: COHEN, L. J.; DRAGOVIĆ-SOSO, J. (Eds.). **State Collapse in South-Eastern Europe: New Perspectives on Yugoslavia's Disintegration**. West Lafayette: Purdue University Press, 2007. p. 301-332.

BJELAJAC, M.; ŽUNEC, O. The War in Croatia, 1991-1995. Em: INGRAO, C. W.; EMMERT, T. A. (Eds.). **Confronting the Yugoslav controversies: a scholars' initiative**. Central European studies. West Lafayette, IN: Purdue University Press, 2009.

CIA. **Balkan Battlegrounds: A Military History of the Yugoslav Conflict, 1990-1995 Volume I**. Washington: BBC Worldwide Limited, 2004.

CIGAR, N. The Serbo-Croatian war, 1991: Political and military dimensions. **Journal of Strategic Studies**, v. 16, n. 3, p. 297-338, set. 1993.

CLAUSEWITZ, C. VON. **On War**. Princeton: University of Princeton Press, 1976.

COGGINS, B. International Responses to Secession in Yugoslavia, 1989-2011. In COGGINS, B. (Ed.). **Power Politics and State Formation in the Twentieth Century: The Dynamics of Recognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

DIMARCO, L. **Concrete Hell: Urban warfare From Stalingrad to Iraq**. [s.l.] Osprey Publishing Ltd, 2012.

DUARTE, E. E. Similaridades e diferenças entre as guerras russas do Pós-Guerra Fria. In LOUREIRO, F. (Ed.). **Linha vermelha: a guerra da Ucrânia e as relações internacionais do século XX**. Campinas: Ed. Unicamp, 2022. p. 143-166.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. PORTARIA – COTER/C Ex Nº 286. Nota Doutrinária Nº 02/2023. 18 maio 2023.

FERREIRA, T. B. **Guerra irregular complexa: aspectos conceituais e o caso da Batalha de Vukovar**. Mestrado em Estudos Estratégicos Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

FREMONT-BARNES, G. (ED.). **A History of Modern Urban Operations**. 1st ed. 2020 edition ed. [s.l.] Palgrave Macmillan, 2019.

GAT, A. Clausewitz on defence and attack. **Journal of Strategic Studies**, v. 11, n. 1, p. 20-26, mar. 1988.

GRAAFF, B. The wars in former Yugoslavia in the 1990s bringing the state back. Em: DUYVESTYEN, I. (Ed.). **Rethinking the Nature of War**. London: Routledge, 2005. p. 159-176.

HOFFMANN, R. F. **The Serbo-Croatian War: A Failure of the Principles of War**. Newport: Naval War College, 17 maio 1999. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA370638.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2023.

HORNCastle, J. Croatia's bitter harvest: Total National Defence's role in the Croatian War of Independence. **Small Wars & Insurgencies**, v. 26, n. 5, p. 744–763, 3 set. 2015.

KING, A. **Urban Warfare in the Twenty-First Century**. 1ª edição. Cambridge, UK; Medford, MA: Polity Press, 2021.

MARIJAN, D. Bitka za Vukovar 1991. **Scrinia Slavonica**, v. 2, n. 1, p. 367-402, 2002.

MARINHA DO BRASIL. **Manual de Operações Militares em Ambiente Urbano dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro: Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, 2008.

MINISTÈRE DE LA DÉFENSE. **Manuel de droit des opérations militaires**. Paris: Centre de DOctrine D'Emploi des Forces, 2005.

SEBETOVSKY, M. **The Battle of Vukovar The Battle That Saved Croatia**. Master of Military Studies. Quantico: Marine Corps University, 2002.

SEVERO, M. B. **Determinantes sistêmicos na criação e na dissolução da Iugoslávia (1918-2002)**. Dissertação de Mestrado - Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

SILBER, L.; LITTLE, A. **Yugoslavia: death of a nation**. Rev. and updated ed ed. New York: Penguin Books, 1997.

SULLIVAN, J. P.; ELKUS, A. **Command of the Cities: Towards a Theory of Urban Strategy**. Disponível em: <<https://smallwarsjournal.com/jrnl/art/command-of-the-cities-towards-a-theory-of-urban-strategy>>. Acesso em: 2 set. 2023.

TANNER, M. **Croatia: a nation forged in war**. New Haven: Yale Nota Bene, 2001.

TATALOVIĆ, S. Military and Political Aspects of the Croato-Serbian Conflict. **Politička misao: časopis za politologiju**, v. 33, n. 5, p. 166–190, 1996.

UK ARMY. **AC 71940 - Land Operations**. Bristol: Land Warfare Development Centre, 2017.

US ARMY. **FM 3-06 - Urban Operation**. Washington, D.C: Department of Army, 2006.

USMC. **Marine Corps Warfighting Publication (MCWP) 3-35.3, Military Operations on Urbanized Terrain (MOUT)**. Quantico: US Department of Navy, 2006.

WOODWARD, S. L. **Balkan tragedy: chaos and dissolution after the Cold War**. Washington, DC: Brookings Institution, 1995.

ŽIVIĆ, D.; DEGMEČIĆ, I. Š. The Battle of Vukovar: A Turning Point in the Croatian "Homeland War". **Témoigner. Entre histoire et mémoire**, n. 123, p. 182-191, 1 out. 2016.

Recebido em 11 out. 2024.

Publicado em 23 dez. 2024.